TEORIA DO VÍNCULO E A INDISCIPLINA ESCOLAR FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

ORIENNE PASSINI PEREIRA DA SILVA

RESUMO

A aprendizagem tem início no útero materno, continua durante o aleitamento, nas carícias dos pais e dos familiares. Esse trivial diário cria uma modalidade de aprendizagem que tem uma fonte somatória. Essas significações inconscientes do aprender alimentam e modificam o ser biológico. É uma relação sem caráter de ensinante, mas que vem formar os primeiros vínculos de atitudes na criança. O triângulo está formado, "ensinante", "aprendente" e as ações que são os "conhecimentos". Quando o aprendente "olha" não é uma atitude passiva, pelo contrário o olhar significa uma busca, está fazendo um corte na realidade é uma base somática do aprender.

Palavras-chave: Teoria do Vínculo; Aprendizagem; Família e Escola.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem tem início no útero materno, continua durante o aleitamento, nas carícias dos pais e dos familiares. Esse trivial diário cria uma modalidade de aprendizagem que tem uma fonte somatória. Essas significações inconscientes do aprender alimentam e modificam o ser biológico. É uma relação sem caráter de ensinante, mas que vem formar os primeiros vínculos de atitudes na criança. O triângulo está formado, "ensinante", "aprendente" e as ações que são os "conhecimentos". Quando o aprendente "olha" não é uma atitude passiva, pelo contrário o olhar significa uma busca, está fazendo um corte na realidade é uma base somática do aprender.

A escola é um local gerador de novas experiências, em princípio por que a criança está em um ambiente distinto do familiar e ao frequenta-la está sendo iniciada no integramento novo de conjunto e regras, normas, costumes, hábitos e rituais que farão parte a partir de agora de seu cotidiano.

A escola passa a integrar o relacionamento familiar neste ciclo de vida e marca significativamente sua presença e resistência. De agora em diante veremos que os tópicos

"Mundus vivendi" familiar será regido por valores, histórias e expectativas alteradas pela escola na dinâmica, intergerencialmente perpetuados pela dualidade de vivência (escola – lar e vice-versa).

Na formação e no rompimento de vínculos afetivos, Bowlby propõe uma abordagem na qual estabelecem vínculos com a psicologia cognitiva compatível com conceitos da neurofisiologia de desenvolvimento desde as múltiplas formas de perturbações da personalidade, ansiedade, raiva, depressão, desligamento emocional e separação que causa perda de origem.

A Psicopedagogia depende do sujeito autor que é capaz de fazer escolhas, que traz algumas identificações, esse pertencimento da sua família, mas consegue se tornar um ser separado dessa família, sendo capaz de fazer escolhas das quais se responsabiliza.

A atuação do professor e seu aluno (na teoria do vínculo, objeto externo) têm uma relação dialética, tanto afeta um como o outro. No momento em que a gente interage a gente está aprendendo.

Há a necessidade premente de buscar o vínculo saudável mais diferenciado.

A aquisição da aprendizagem é o nosso objetivo. A articulação do teórico com a prática. Elas estão sempre articuladas e necessitam de reciclagem contínua. A prática é o teórico de amanhã. A Teoria do Vínculo é a interação entre elas.

DESENVOLVIMENTO

A aprendizagem tem início no útero materno, continua durante o aleitamento, nas carícias dos pais e dos familiares. Esse trivial diário cria uma modalidade de aprendizagem que tem uma fonte somatória. Essas significações inconscientes do aprender alimentam e modificam o ser biológico. É uma relação sem caráter de ensinante, mas que vem formar os primeiros vínculos de atitudes na criança. O triângulo está formado, "ensinante", "aprendente" e as ações que são os "conhecimentos". Quando o aprendente "olha" não é uma atitude passiva, pelo contrário o olhar significa uma busca, está fazendo um corte na realidade é uma base somática do aprender.

Os estudos de Fred e Pierre Aulagnier nos faz compreender que a capacidade inconsciente de aprender, que inicia na amamentação, perdura por toda a vida e de todas as formas, Freud chama de fonte somática ao afeto e Pierre Aulagnier de fonte somática da representação psíquica do mundo, nomes diferentes para uma mesma compreensão de que há a necessidade do prazer experimentado pelo aprendente para que ele conecte-se com o conhecimento.

Os pais são os primeiros ensinantes e grandes responsáveis pelo estabelecimento dos limites no indivíduo. O limite é a balança que vai nortear toda aprendizagem. Sem li-

mite não há equilíbrio e o equilíbrio é a mola fortalecedora da escola.

Entendendo Alicia Fernandes em, A mulher escondida na Professora, 1ª Edição, Porto Alegre, Editora Artmed, 2001, podemos afirmar que como uma luz forte vem a certeza de que "inibição transferial" a repetição na modalidade de ensinagem exibicionista para o aprendente tímido é ineficaz como era o caso da Virgínia (fato comentado no livro). Autoritarismo acerca-se de agressividade e esta deve ser mantida a distância porque é hostil. Não leva a aprendizagem.

A indisciplina é assunto de constante revisão e análise alteradora de atitudes e ações diferenciadas a fim de dirimir exaltações e ou tumultuo de pensamento hostil. Não pode haver identidade entre guardar, ocultar e esconder, que é sobre maneira importante na aprendizagem.

Quem apontou a ideia como espaço transicional, de confiança, espaço lúdico de criatividade foi o psicanalista Winnicott com incomparável trabalho psicopedagógico.

A psicopedagogia por "seus estudiosos" nós dão a conhecer com suas experiências, comprovada gama de alta proporção de indivíduos, com variados tipos de problemas de aprendizagem. A questão das diferenças sexuais passivas, segundo Alicia Fernandes interferem na aprendizagem. Toda passividade, dedicação e capricho.

Ousamos dizer, parafraseando Alicia Fernandes em, A mulher escondida na Professora, 1ª Edição, Porto Alegre, Editora Artmed, 2001que: Aprendizagem é apropriação, é a reconstrução do conhecimento do outro, a partir do saber pessoal. Só que as diferenças não coincidentes entre o conhecimento e o saber, seja ele pessoal, ou melhor, individual ou seja ele social e diferencial ocasionam fraturas e criam patologias na aprendizagem.

Sabemos que em pedagogia existem duas escolas com posturas básicas opostas: o autoritarismo e o espontaneismo. O espontaneismo apela ao saber do inconsciente. As posturas autoritárias dão a conhecer tanto o falso como o verdadeiro conhecimento. É um caráter de informação não fundamentado e busca limites e disciplina.

No entanto é sabido que do ponto de vista psicopedagógico não há articulação entre estes dois conhecimentos. Surge o conflito, as construções patológicas na aprendizagem.

A aprendizagem é constante na vida do ser humano desde o seio materno até a morte o homem está armazenando conhecimentos e assimilando-os com disciplina.

A aprendizagem é um molde relacional no contato entre mãe e filho como aprendente (filho), ensinante (mãe), ou na família com pais, irmãos, avós, vizinhos ou os grupos de comunicação, professores, jornais, cinema, televisão durante a vida toda. É uma vivência somática fornecedora diuturna de elementos de realidade vivencial. Freud já mencionava essa fonte somática de representação psíquica do mundo. Ela (fonte) precisa ser alimentada para a veracidade da existência da fonte. Aí estão os liames das significações inconsciente do aprender.

Na aprendizagem o conhecimento nem sempre é claro ou diferenciado, mas requer investimento, pensar e adapta-lo a si próprio. O "desejo" de dominar o assunto do conhecimento instalado sobre o aprendente possibilita a construção de uma modalidade específica de aprendizagem.

Para realmente haver uma aprendizagem há necessidade que o aprendente sinta e experimente um enorme prazer pelo assunto relacionamento. É necessário que haja desejo e presença de prazer, pois sem essa energia vital o psíquico não funciona por inteiro, redundando em anomalias ou, sobretudo em resistência do aprendizado.

Para aprender, o aprendente deve construir o aprendizado e assimila-lo, só assim podemos afirmar que houve aprendizagem.

Há inúmeras categorias psicológicas de aprendente e podemos citar os grupos 1, 2 e 3. Sendo o grupo 1 de resistência e hostil, Grupo 2 do esperto, ativo e respondedor e Grupo 3 de vagarosos e passivos.

No Grupo um, precisamos sempre nos armar da psicopedagogia para vencer a "turma do fundão", eles não são maus. Só querem a "fama" de diferentes. O professor deve descobrir a causa, ser franco e arranjar um aliado entre eles. Não queira derrubar o grupo, conquiste um de cada vez.

No Grupo dois, a especialidade deles é atrair a atenção dos demais colegas, se consideram superiores. O professor deve se preparar com perguntas difíceis. Não lute contra eles, mas cautelosamente coloque uns contra os outros.

No Grupo três, são de maneira dúbia, intermediário, são difíceis como os demais. Vá devagar, mostre entusiasmo. Escolha material do conhecimento deles. Explique muito bem. Faça perguntas simples.

Fora da categoria dos grupos temos os problemáticos individuais, onde encontramos o aluno que quer apenas ouvir, tímido, interessado, não fala nunca e que para alcançá-lo devemse fazer perguntas diretas, e observar sua reação. Existe também o aluno que está errado e os outros por respeito evitam corrigir, sua atitude, movida pelo receio de supostas atitudes de exposição ao ridículo podem leva-lo a explosão, agressão à indisciplina, é melhor falar com ele em particular, geralmente é o valentão.

A ESCOLA NA FAMÍLIA E A FAMÍLIA NA ESCOLA

A interação "a escola na família e a família na escola" é um tema de extensão universal e profundidade oceânica. As famílias são matrizes que diferem entre si, vários são os fatores dessa disparidade: educação, sistema racial, origem territorial, grupo social e ou comercial, fundo ecumênico e ou salutar e outros.

Muito se tem discutido sobre as novas formas de família e as influências que as desintegram sacrificando-se a "mídia" e a "TV", responsabilizando-as pela forma diferenciada de enfoque de vivência humana atual. Essas novas famílias, já diferenciadas mais flexíveis proporcionam a seus membros maior desenvolvimento, desabrochando as características individuais, amparados pela sensação positiva de pertencimento.

Os novos sistemas apresentam certa dificuldade no processo de transformação, enriquecendo a aprendizagem, na segurança do entendimento hodierno da família.

Nos últimos vinte anos, do século passado, com a modernidade do após 1980, as características da família brasileira sofreram alterações como a tendência de diminuir de tamanho, a diversidade na organização com arranjos familiares de adultos vivendo só e de família monoparentais, famílias homoparentais, famílias anaparenais, entre outras. Essa complexidade foi causada pelo incremento do número de famílias reconstituídas, resultantes das separações, divórcios, concubinatos e outros.

Se anteriormente a esposa era do lar, hoje, a responsabilidade da manutenção é da família, é da mãe, do pai e/ou dos filhos e em alguns casos também dos avós. Todos participam intensamente das atividades do mercado de trabalho e da renda monetária familiar, compartilhando com o chefe (pai ou mãe) os encargos e responsabilidades mensais. Esse contexto promoveu uma redefinição dos padrões hierárquicos e sociais familiares. Entre as explicações mais comuns para essas mudanças na estrutura familiar, estão as discussões sobre feminismo, trabalho da mulher, desigualdade e direitos; entretanto, isto é apenasmente um lado do movimento mais amplo da transformação da sociedade brasileira marcada pela democracia, a conscientização da cidadania e a afirmação dos direitos outorgados pela Constituição (1988) e os novos conceitos. A reorganização político democrática trouxe conquistas com constitucionais, mesmo não tendo conseguido efeitos práticos em termos de qualidade de vida para uma grande maioria.

Os inúmeros planos econômicos, as dificuldades nos períodos recessivos internacionais, os programas sociais, a concentração de renda, gerou e gera disparidade e desigualdade brutal "o Brasil é o campeão mundial de desigualdade econômica". As estatísticas demonstram que 50% dos pobres ficaram mais pobres e que 5% dos ricos ficaram mais ricos, isto olhando por cima as estatísticas. (GOLDANI, Ana Maria, As Famílias brasileiras: Mudanças e Perspectivas, Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1994.).

O perfil estatístico das mudanças, entretanto mostra que a população está mais educada, tem residências com infraestrutura, mas está cada vez mais e mais pobre, a classe média foi achatada. Culpamos o neoliberalismo, favorecendo as iniciativas pessoais e privadas, onerando paternalmente a comunidade e as famílias. A estratégia para enfrentar a crise, talvez a mais dramática seja a de evitar a formação de novas famílias. As taxas do crescimento anual do número de unidades familiar decresceram com a queda das probabilidades de matrimônio formal; as taxas de fecundidade aumentaram nas regiões do norte e nordeste.

A especulação sobre a precariedade e instabilidade da instituição familiar ganha força e é reforçada pela incapacidade do Estado de prestar os serviços sociais básicos às famílias carentes e seus dependentes. Legalmente o Estado brasileiro deve oferecer suporte, ao menor e ao idoso, nos programas sociais. O Estado trata de minimizar ao máximo sua contribuição e conclama a comunidade para auxiliar. A extensão territorial brasileira é imensa, mas apesar dos pesares, do planejamento familiar e do controle da natalidade, nos grandes centros, o Brasil praticamente dobrou de tamanho nas últimas três décadas, passando de 70,600 para 151 milhões de habitantes. Honra seja feita à longevidade dos adultos e as diminuições dos casos de mortalidade infantil contribuíram sobremaneira para que tal ocorresse.

Qualquer que seja o ciclo vital e social da mulher brasileira há evidências de que ela aumentou em 100% sua participação no mercado de trabalho. Em se falando de estrutura etária e "status marital" temos grande mudança no perfil da mulher brasileira, antes só as solteiras trabalhavam, hoje elas entram no mercado de trabalho numa faixa etária cada vez menor, casadas, viúvas, divorciadas, separadas, consensualmente unidas, todas incrementam a taxa de atividade, sendo que até mesmo a Legislação redefiniu o conceito de família.

Antigamente tinha-se uma concepção estreita sobre a família onde só se reconhecia a legitimada pelo casamento civil e a predominância do Pátrio Poder era marital e masculino. Hoje a família é a união estável entre um homem e uma mulher, ou qualquer um dos pais e seus descendentes (e outros tipos de casais). Este novo conceito de família enfatiza a proteção aos dependentes crianças, jovens ou velhos. A Constituição brasileira reconhece o poder assimétrico entre os membros da família. Os direitos e deveres conjugais são exercidos igualmente pelo homem ou pela mulher (Constituição Brasileira cap. VII, art. 2º, 3º, 4º, e 5º. 1988). A Lei facilita o

divórcio, altera o direito de propriedade das mulheres casadas reconhece os mesmos direitos constitucionais dos filhos, independente da natureza da filiação.

Em busca da resolução dos problemas financeiros, os membros das famílias tem tido dificuldades em arranjar emprego. Já nesta última década, sentiu-se na pele a necessidade de escolaridade e definitivamente da precisão do Ensino Médio. Se antes problemas havia com os filhos, hoje até os pais saem em busca de novos padrões de conhecimento e do diploma, que ajuda a abrir caminho na estratificação dos empregos causada pela mecanização e atual sofistificação cibernética, de softs e outros.

Refletindo sobre essa necessidade de escolaridade, houve urgência da família e do próprio indivíduo de aprender a acomodar-se às exigências escolares, de estudo em casa, de horários e ônus orçamentário. É primordial esse afastamento, sem ser caracterizado como alheamento à família, como afastamento de pais e ou filhos, mormente em idade escolar. Há agora maior conscientização dessa situação, e mudanças efetivas foram efetuadas nos padrões de relacionamento doméstico.

Conscientes que estão dessa importância de "pessoa aprendente" e "pessoa ensinante", ambas integrantes da escola e da família, pulando da escola para a família e vice-versa. Dessa valorização escolar, do estudo e do estudante, nessa diversificação nasceu a psicopedagogia, onde cada segmento busca entender o próprio processo de aprendizagem.

Segundo nosso antigo governador Franco Montoro "Cultura, em certos aspectos, é tudo o que resta quando a pessoa esqueceu tudo aquilo que aprendeu", por isso o ensino não pode ser simples informação.

A legislação é clara e soberana no que se refere às normas educacionais, parâmetros e viabilização do ensino, tanto nas escolas estatais (federais, estaduais ou municipais) como nas particulares no processo de escolarização compatível com nosso sistema social e nas expectativas em relação ao grau de letramento da população. Sendo o Brasil um país de extensão continental (maior que a Europa) há desigualdades conceituais regionais secundárias, partindo da premissa que "os objetivos propostos" passam por dinâmica especifica regional ao serem colocadas em prática. Cada Instituição é portadora de uma organização especifica, tanto no exercício de suas funções como nas disposições hierárquicas, haverá total responsabilidade com a Lei Maior. Cada organização escolar tem características próprias no desencadeamento do processo educacional, tanto "intra" como "extra" grupal.

A escola vista como sistema é um forte "elemento de interação" entre os outros sistemas (o familiar e o social) compondo a hierarquia.

Os sistemas familiares mais flexíveis dão aos seus membros características individuais de pertencimento, como já falado antes, e é aí que residem as maiores possibilidades de desenvolvimento.

A escola é um local gerador de novas experiências, em princípio por que a criança está em um ambiente distinto do familiar e ao frequenta-la está sendo iniciada no integramento novo de conjunto e regras, normas, costumes, hábitos e rituais que farão parte a partir de agora de seu cotidiano.

A escola passa a integrar o relacionamento familiar neste ciclo de vida e marca significativamente sua presença e resistência. De agora em diante veremos que os tópicos "Mundus vivendi" familiar será regido por valores, histórias e expectativas alteradas pela escola na dinâmica, intergerencialmente perpetuados pela dualidade de vivência (escola – lar e vice-versa).

Este momento de pós-modernidade revela a gama de intergerências políticoeconômico-sociais e tecnológicas resultantes das mais variadas influências nos diversos campos das relações humanas. É impossível precisar em qual etapa do ciclo vital o sistema escolar passou a fazer parte integrante da vida de uma família. A razão dessa dificuldade cronométrica é a oportunidade que todos os elementos da família tiveram de vivenciar o processo de escolaridade.

O século XXI afigura-se como processo em Instituições Educacionais e formação de professores. Inúmeros são os recursos ora disponíveis e programas anunciados, para atualizar a qualidade do professor pai de família. Quando ele se pensa aluno, percebe a necessidade efetiva da escolaridade da criança e do seu preparo como professor.

Novas competências, hoje são exigidas em educação. O professor deve estar capacitado para lidar com o problema da violência e da indisciplina dos alunos, provenientes de famílias desestruturadas ou céticas quanto a um futuro promissor. Há necessidade que todos, no ambiente escolar com todos seus componentes específicos, tenham conhecimentos mediadores de apoio à participação e tranquilidade. A avaliação preconceitual não deve despertar problemas classificatórios, nem deve predominar o conservadorismo. Deve ser de formação de parâmetros, de assimilação de conhecimento.

Assim como na família, o professor deve aprender a interpretar processos contínuos de vivência comunitária com análises calmas e constantes, sem correr o risco de expressar julgamentos não ponderados. A escola está sofrendo uma troca de pele, não podemos esquecer Platão, para que os alunos saiam com razoável quota de conhecimento da prática cotidiana, mas ilesos dos

desmandos, impropérios e ou vários desvios éticos sociais.

Temos de estar atentos à importância de preservar os eventos em que aprendemos muito com as crianças na somatória da família. Estamos de prontidão para a troca de progresso em pontos de congruência nas novas expectativas. Há que haver uma seleção de ideias, projetos e tentativas para enfrentar dificuldades naturais hodiernas, respeitando o tempo necessário e esforço de reconstrução.

Aprendemos de quem recebe caráter de ensinante, afirma Alicia Fernandes. É escutando quem nos escuta; aprender é um diálogo no qual o ensinante nos reconhece como ser pensante. O valor da aprendizagem é subjetivamente impalpável. Mais do que nunca, hoje na atualidade, o sentimento grupal e a solidariedade nele existente determinam a equipe de trabalho. Esses laços de amizade nutrem-se da necessidade de usufruir constantemente do grupo e acompanha as mudanças evoluindo com o mesmo.

A criatividade surge do dia a dia, do contato no grupo e na elaboração de trabalho, olhos bem abertos para o interior e exterior, nesse ciclo da vida.

Há premência de mais de uma fonte de renda no lar. Quem tem trabalho cada vez trabalha mais e passa a ter fragmentos ocupacionais, intercalados em simultaneidades diversas, ficando como um tipo "dispensável". Eles fazem como as diligentes mães funcionárias, mães dona de casa, trabalhadora que está acostumada a atender os filhos, o telefone, as comidas, as tarefas do lar, a televisão enquanto, ao mesmo tempo, prepara a aula que dará no dia seguinte.

Os modos de representação do tempo mudaram, na atualidade, graças à telemática, impondo uma miniaturização e vertiginosidade, temos de estar como escoteiro sempre "alerta", mas com atenção volátil, efetiva, mas real.

Observamos que os estudantes, os jovens e adolescentes, concomitantemente leem, escrevem, ouve rádio, riem e conversam ou falam ao telefone ao mesmo tempo em que comem, selecionando o que vão comer. Veja não há mais um enfoque unidimensional. Estão aprendendo, mas estão atentos ao mundo que os cerca. Hoje aprendemos o imprescindível. É exigência do trabalho. O mercado exigiu, como já disse, a "feminização no trabalho" e a luta pela vaga está cada vez mais proporcional à cultura e não ao sexo.

A realidade da família, no lar, no bairro, na comunidade sócio-econômica-religiosa e toda sua evolução, com altos e baixos. Dias calmos e tranquilos entremeados por vendavais e borrascas atrozes que a vida impõe. Daí a premência de estar sempre alerta à simultaneidade de alegrias e dores.

As interferências que agitam os desejos dos membros da família. As novas descobertas científicas propaladas pela mídia e pela propaganda chamativa despertando a necessidade de possuir o que é apresentado. A falta de meios efetivos de adquirir tais bens desperta desejos bons ou não de consegui-los. Vão à busca de mudança de vida, pela cultura. Buscam uma ascensão cultural a fim de obter uma ascensão econômica no trabalho.

A busca de novos empregos passa a ser uma necessidade ética. Nos bairros, na periferia notamos que o sentido de comunitário é mais presente. A cultura força a criatividade e esta surge do contato, dos laços de solidariedade. A presença no grupo da equipe da igreja, do trabalho, da escola, enfim dos amigos é que permite nutrir a necessidade de permanência que acompanha as mudanças cimentando, nivelando, amalgassando a família na escola e a escola na família.

Quando a autoestima é elevada, o adolescente se sente estimulado. Ao se sentir amado pelos seus professores e colegas, o adolescente se encontra, e age dentro das normas.

A liberdade absoluta é utopia, o adolescente tem que saber que sempre vivemos limitados por alguma coisa ou algo, e que a verdadeira liberdade está em escolher viver bem dentro dessas limitações.

A Escola precisa educar o adolescente para o desenvolvimento da ética relacional e da cidadania para que este saiba também arcar com os custos e as responsabilidades de seus atos.

TEORIA DO VÍNCULO

A grande contribuição da TV foi o salto que aflorou a teoria psicanalítica predominantemente intrapsíquica para uma psiquiatria social. Inicia-se com vínculo patológico destacando os fins da conduta que o sujeito estabelece com os objetos onde interfere.

O autor postula que para higiene mental há que se conhecer com exatidão toda ansiedade do grupo social, o qual investigamos, em relação à loucura. Cada paciente apresenta-se em conformidade com sua própria experiência e o psiquiatra formulará sua hipótese sobre a patogenia nessa informação.

São três as dimensões: a) Investigação do indivíduo – psico-social (parte do indivíduo de fora); b) Investigação do grupo – sociodinâmica (análise do grupo como estrutura); c)

Investigação da Instituição ou sociedade - institucional analisa como um grupo à instituição (pais como objeto de investigação).

Os vínculos patológicos por diferenciação como simbiose podem ser Vínculo: a) Paranoico – desconfiança; b) Depressivo – carregado de culpa e expiação; c) Obsessivo

– controle a ordem; d) Hipocondríaco – saúde do corpo e queixa; e) Histérico – fantasia recado retal do paciente.

Na histeria do medo temos as fobias, interior e exterior todas as demais derivam delas. Há que descobrir qual patologia causa a ruptura do equilíbrio.

Nos problemas de aprendizagem não é o contrário de não aprender, mas um processo, um estado particular de um sintoma que cumpre a função positiva, segundo Sara Pain. Defende a multicausalidade dos problemas de aprendizagem e os fatores ligados a ela, como orgânicos, específicos, psicógenos, ambientais. Nos problemas de aprendizagem temos que perceber os sintomas que são fatores internos e a inibição que também são fatores internos e que dependem da multicausalidade na aprendizagem.

De acordo com a Psicopedagogia há várias concepções atuais para os problemas de Aprendizagem. Segundo Alicia Fernandes: "Não existe uma única causa determinante dos Problemas de Aprendizagem. Os problemas de Aprendizagem são sintomas que a criança oculta ou esconde ou que ela demonstra ou denuncia". A criança pode renunciar a aprender ou aprende perturbada porque há perturbação na base.

Há complexidade do vínculo, relaciona-se com a noção de comunicação e a relação do objeto com a personalidade humana, no seu id e ego, nas fantasias e na magia de transformar em realidade objetos inanimados onde constrói seu mundo passando ou fixando-se em uma fase. Vínculo interno. Ponto de fixação, vínculo como a mãe, progressão paranóide, loucura, vínculo interno pode ser fortalecido, patopsicose, repressão, mania ou histeria.

O vínculo pode variar alternando-se o interno com o externo, que nada mais é que o vínculo Racional e Irracional.

O vínculo racional inclui uma situação latente, portanto o irracional passa a ser racional durante o processo de análise: o paciente terá consciência de relação. A Introspecção é o diálogo com o conteúdo manifesto. A psicanálise é o diálogo com o conteúdo latente.

Bowlby-John – refere-se ao luto quer dizer, morte da mãe ou quem estiver no lugar de mãe e as relações perniciosas que essa falta acarreta, isto pode causar o desligamento irreversível ou psicopatológico do luto.

Para Bowlby vínculo afetivo é a atração que um indivíduo sofre sobre o outro. Os psicanalistas foram os primeiros a fazer esse relacionamento. Geralmente os vínculos afetivos são acompanhados de fortes emoções – apaixonados e sofre por alguém que leva a atitudes agressivas.

Quando a criança brinca, ela obedece às regras de comportamento familiar, pois age como a mãe, ensaia assim seu futuro papel. Para Vigostsky o brinquedo é o mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. Na idade pré-escolar ele não desaparece, mas permeia a atitude com a realidade.

Na formação e no rompimento de vínculos afetivos, Bowlby propõe uma abordagem na qual estabelecem vínculos com a psicologia cognitiva compatível com conceitos da neurofisiologia de desenvolvimento desde as múltiplas formas de perturbações da personalidade, ansiedade, raiva, depressão, desligamento emocional e separação que causa perda de origem.

O ponto fundamental, entretanto é a experiência do indivíduo com os pais.

Bowlby afirma que ajudar a pessoa a descobrir seu verdadeiro "eu", implica em ajudala a reconhecer e a deixar-se possuir pelo anseio de amor e atenção e por sua raiva para com aqueles que não souberam supri-la quando criança. Os eventos da vida como a morte ou doença grave podem levar à angústia e ao desespero; raiva ou auto-recriminação e a depressão podem levar muito tempo para desaparecer ou o indivíduo internaliza o modelo escolhido por ele.

Na teoria do vínculo, Winnicott coloca que, o período pré-escolar deve ser recheado de brincadeira afim de que a criança se envolva na resolução de problemas. A brincadeira é um treino que ela necessita para desenvolver e usar sua compreensão do significado da brincadeira.

É através da brincadeira de uma criança que nós vemos como ele vê e constrói seu mundo. Nenhuma criança brinca para passar o tempo, a escolha da brincadeira é motivado por processos internos, desejo, problemas de ansiedade. O que acontece na sua mente é que determina sua atividade lúdica. Brincar é linguagem secreta que temos de respeitar se não a entendermos.

Para Alicia Fernandes ser ensinante é abrir espaço para o aprender, espaço objetivosubjetivo em que se realizam trabalhos simultâneos: Construção do conhecimento; e a Construção de si mesmo.

É com base no brincar que se constrói a totalidade da existência do homem.

Assim que nasce a criança necessita de alimentação e alem dessa satisfação, há também a satisfação oral, que às vezes é substituída pelo sugar do polegar, dos punhos ou dedos e que com o passar dos dias transfere para fora da representação mágica do seio, fora da fronteira onírica do Belo, do criar, imaginar, inventar produz um objeto transicional representante do seio materno. A literatura psicanalítica é rica em referências do "não eu", diferente de "mim" correspondência efetiva do seio materno. Os movimentos de pronação e supinação auto-eróticos dos braços e a função da boca podem supe-

rar fases do sugar o polegar em sublimação exógena. Há várias interpretações. O Objeto Transicional deixa de ser o punho e é a fralda, a ponta do cobertor ou algo específico. O Bebê não fica sem ele, Dr. Winnicott fala dos padrões estabelecidos pelos Fenômenos Transicionais que surgem dos quatro até 12 meses e que quando começa a falar, dá nome ao seu Objeto Transicional, e sobre o qual o Bebê tem direitos de posse estremado, entremeado com ódio inocente, se tudo corre bem, ele pode ser deixado de lado.

O Objeto Transicional pode ter seu uso deformado de acordo com a atitude diária da mãe; no desmame que sempre é difícil e ele age como confortador.

A psicanálise estudou vários casos de criança com e sem Objeto Transicional e constatou a importância e veracidade dele na saúde mental da criança. O Dr. Winnicott explica o Objeto Transicional, mas cabe a mãe cuidar e desvendar, aquilatar e minimizar as frustrações do Bebê capacitando-o a vencer perdas. Há forte elo entre a mãe, o seio materno que ele ama (antes pela alimentação), nasce o fenômeno subjetivo e a área intermediária entre criatividade e percepção, objetivo ou teoria da ilusão. Segundo Riviere, 1916, a aceitação é completa e a libertação da tensão em relacionar realidade fica bem, se brinca. Brincar supera possíveis traumas ocasionados inadvertidamente à criança. Brincar é essencial, ele extravia a desilusão. Objeto Transicional é a representação da transição do Bebê, tratando-se de separação ou perda, os reflexos interprojetados são uma gama pródiga em efeitos perniciosos.

São fatos verídicos os casos relatados de crianças que chegaram a adulto com desvio de personalidade pela ausência da mãe e por não ter Objeto transicional, como já foi muito debatido deixo de cita-los. Os Fenômenos Transicionais esclarecedores dos problemas inerentes ao sentimento de perda e evita a terapia, afasta-o das drogas, crimes, etc... Há o perigo da mania. Ela, a mania pode ser muito confortável, mas a realidade é que é importante, portanto nada pode ser mais importante que "uma manta". Temos que saber claro o valor de guardar em mente as distinções entre a realidade externa ou compartilhada e o sonho verdadeiro.

Podemos definir progresso da análise como aumento progressivo na capacidade de fazer chegar as mensagens a um número maior de pessoas.

Teoria do Vínculo de Henrique Pichon Rivière diz: "para fazermos a análise de um paciente, fazemos um esquema referencial dinâmico, algo novo sobre nosso esquema, somos obrigados a retira-lo Essa rotura provoca ansiedade depressiva e paranoicas tanto no terapeuta como no paciente".

A interpretação é um instrumento onde três processos estão em constante ação: 1)Esclarece-nos sobre o que aconteceu com o outro; 2)Formula a interpretação que possibilite ao outro o esclarecimento sobre si mesmo e 3)Esclarece aquilo que aconteceu com o outro e nós mesmo, seja de dentro para fora, seja de fora para dentro.

Do ponto de vista fenomênico há três modos de ser: o Modo de ser mental; o Modo de ser corporal e o Modo de ser na conduta exterior em relação ao mundo.

Devemos perceber em termos em relação ao vínculo, onde se situa o objeto bom e o objeto mal. Não podemos excluir a investigação de sexualidade, na agressividade ou dos preconceitos por considera-los imorais, pois incluir conceitos morais no esquema referencial é um critério que se opõe à evolução do conhecimento.

A origem do esquema referencial é materna por serem os primeiros contatos com o peito da mãe, aqueles que dão noções de dualidade. Noção de limite já existe desde o nascimento, os movimentos fetais nos dão o limite interno. O fenômeno chamado Transistivismo é que é a perda dos limites.

A Psicopedagogia depende do sujeito autor que é capaz de fazer escolhas, que traz algumas identificações, esse pertencimento da sua família, mas consegue se tornar um ser separado dessa família, sendo capaz de fazer escolhas das quais se responsabiliza.

A atuação do professor e seu aluno (na teoria do vínculo, objeto externo) têm uma relação dialética, tanto afeta um como o outro. No momento em que a gente interage a gente está aprendendo.

Há a necessidade premente de buscar o vínculo saudável mais diferenciado.

A aquisição da aprendizagem é o nosso objetivo. A articulação do teórico com a prática. Elas estão sempre articuladas e necessitam de reciclagem contínua. A prática é o teórico de amanhã. A Teoria do Vínculo é a interação entre elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pais são os primeiros ensinantes e grandes responsáveis pelo estabelecimento dos limites no indivíduo. O limite é a balança que vai nortear toda aprendizagem. Sem limite não há equilíbrio e o equilíbrio é a mola fortalecedora da escola.

A Psicopedagogia depende do sujeito autor que é capaz de fazer escolhas, que traz algumas identificações, esse pertencimento da sua família, mas consegue se tornar um ser separado dessa família, sendo capaz de fazer escolhas das quais se responsabiliza.

A atuação do professor e seu aluno (na teoria do vínculo, objeto externo) têm uma relação dialética, tanto afeta um como o outro. No momento em que a gente interage

a gente está aprendendo.

A escola é um local gerador de novas experiências, em princípio por que a criança está em um ambiente distinto do familiar e ao frequenta-la está sendo iniciada no integramento novo de conjunto e regras, normas, costumes, hábitos e rituais que farão parte a partir de agora de seu cotidiano.

A aprendizagem é constante na vida do ser humano desde o seio materno até a morte o homem está armazenando conhecimentos e assimilando-os com disciplina.

A aprendizagem é um molde relacional no contato entre mãe e filho como aprendente (filho), ensinante (mãe), ou na família com pais, irmãos, avós, vizinhos ou os grupos de comunicação, professores, jornais, cinema, televisão durante a vida toda. É uma vivência somática fornecedora diuturna de elementos de realidade vivencial. Freud já mencionava essa fonte somática de representação psíquica do mundo.

Na aprendizagem o conhecimento nem sempre é claro ou diferenciado, mas requer investimento, pensar e adapta-lo a si próprio. O "desejo" de dominar o assunto do conhecimento instalado sobre o aprendente possibilita a construção de uma modalidade específica de aprendizagem.

Quando a autoestima é elevada, o adolescente se sente estimulado. Ao se sentir amado pelos seus professores e colegas, o adolescente se encontra, e age dentro das normas.

A liberdade absoluta é utopia, o adolescente tem que saber que sempre vivemos limitados por alguma coisa ou algo, e que a verdadeira liberdade está em escolher viver bem dentro dessas limitações.

A Escola precisa educar o adolescente para o desenvolvimento da ética relacional e da cidadania para que este saiba também arcar com os custos e as responsabilidades de seus atos. De acordo com a Psicopedagogia há várias concepções atuais para os problemas de Aprendizagem. Segundo Alicia Fernandes: "Não existe uma única causa determinante dos Problemas de Aprendizagem. Os problemas de Aprendizagem são sintomas que a criança oculta ou esconde ou que ela demonstra ou denuncia". A criança pode renunciar a aprender ou aprende perturbada porque há perturbação na base.

Há complexidade do vínculo, relaciona-se com a noção de comunicação e a relação do objeto com a personalidade humana, no seu id e ego, nas fantasias e na magia de transformar em realidade objetos inanimados onde constrói seu mundo passando ou fixando-se em uma fase. Vínculo interno. Ponto de fixação, vínculo como a mãe, progressão paranóide, loucura, vínculo interno pode ser fortalecido, patopsicose, repressão, mania ou histeria.

O vínculo pode variar alternando-se o interno com o externo, que nada mais é que o vínculo Racional e Irracional.

É através da brincadeira de uma criança que nós vemos como ele vê e constrói seu mundo. Nenhuma criança brinca para passar o tempo, a escolha da brincadeira é motivado por processos internos, desejo, problemas de ansiedade. O que acontece na sua mente é que determina sua atividade lúdica. Brincar é linguagem secreta que temos de respeitar.

Conclui-se que a teoria do vínculo é extremamente importante para a manutenção da disciplina escolar, auxiliam os alunos a conversarem, a terem empatia, a aprender a conviver, ser e fazer, essas lições conquistadas pelo vínculo auxiliam no aprendizado, no desenvolvimento educacional. A contribuição família e escola são essenciais para que o aprendizado efetivo ocorra e desta forma há a diminuição da indisciplina e melhoria do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BOWLBY, John. Cuidados maternos e saúde mental. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERNANDEZ, Alicia, A Inteligência Aprisionada Editora: 1ª. Ed. Porto Alegre, Editora Artmed, 2001.

FERNANDEZ, Alicia, O saber em jogo. 1ª. Ed. Porto Alegre, Editora Artmed, 2001.

FERNANDEZ, Alicia, Os idiomas do aprendente. 1ª. Ed. Porto Alegre, Editora Artmed, 2001.

FERNANDEZ, Alicia, A Mulher escondida na Professora. 1ª Edição, Porto Alegre, Editora Artmed, 2001.

GOLDANI, Ana Maria, As Famílias brasileiras: Mudanças e Perspectivas, Cadernos de Pesquisa. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1994.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Processo Grupal. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Teoria do Vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WINNICOTT, Donald W. Natureza Humana. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1990.

WINNICOTT, Donald W. O brincar & a realidade. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1975.